

A CRÍTICA NIETZSCHIANA COMO FERRAMENTA TRANSVALORATIVA THE NIETZSCHIAN CRITIQUE AS A TRANSVALUATION TOOL

José Carlos Silva Rocha Costa¹

RESUMO: O presente artigo tem como finalidade investigar a noção de crítica na filosofia de Nietzsche como uma ferramenta de transvaloração de todos os valores. Analisaremos a posição naturalista de Nietzsche como alternativa e crítica a noções transcendentais da realidade. Ademais, buscaremos mostrar como os alguns conceitos fundamentais da filosofia de Nietzsche formam um todo coerente que buscam criticar e criar novos valores substituindo a cosmologia metafísica cristã por uma cosmologia da imanência.

Palavras-chave: Crítica. Naturalismo. Transvaloração. Vida.

ABSTRACT: This article aims to investigate the notion of critique in Nietzsche's philosophy as a tool for the transvaluation of all values. We will analyze Nietzsche's naturalist position as an alternative and critique of transcendent notions of reality. Moreover, we will try to show how some fundamental concepts of Nietzsche's philosophy form a coherent whole that seeks to criticize and create new values, replacing the Christian metaphysical worldview with a cosmology of immanence.

Keywords: Critique. Naturalism. Transvaluation. Life.

INTRODUÇÃO

Nietzsche afirma em *Ecce Homo* que sua filosofia está dividida em duas partes, após concluir a parte que diz *sim* relacionada com a doutrina do eterno retorno do mesmo apresentada em *Assim falou Zaratustra*, era a vez de sua metade que diz *não*, a vez da crítica e da *transvaloração de todos os valores* existentes. Essa tarefa toma corpo em *Além do bem e do mal*, que nas palavras de Nietzsche é um livro que em todo essencial é uma crítica direcionada à modernidade, incluindo as ciências modernas, as artes modernas, como também a política moderna. Por conseguinte, a tarefa do *não* continua em *O anticristo* cujo subtítulo, *maldição ao cristianismo*, deixa clara a tônica do escrito, isto é, a crítica e a supressão da referência justificadora dos antigos valores. O jovem Nietzsche na terceira consideração extemporânea, *Schopenhauer como educador*, considera que a única crítica da filosofia que é possível e que também prova algo é a que faz a tentativa de viver

¹ Mestrando em filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Atua como professor da disciplina de filosofia no Centro Territorial de Educação Profissional do Sisal II – CETEP vinculado à secretaria de educação do estado da Bahia (SEC). ORCID: 0000-0002-1868-9198. E-mail: jcsrcef@gmail.com.

segundo ela e não somente a crítica de palavras por meio de palavras. Nietzsche visa a crítica com efeitos positivos para a cultura, mas também, como condição para a tarefa filosófica criativa para além da crítica estéril dos eruditos que a reduz ao ponto de paralisar o impulso criativo. A crítica como tarefa filosófica criativa está intimamente relacionada com a transvaloração nietzschiana quando ela visa a substituição da cosmovisão judaico-cristã, alicerce a partir do qual todos os valores foram forjados. Em síntese, o escopo do presente artigo consiste no estudo da crítica nietzschiana como ferramenta que questiona os valores, quando pergunta que valor os valores possuem. Como consequência, o tema da *transvaloração de todos os valores*, será problematizado em conjunto a uma concepção de naturalismo processual, isto é, de como é incorporado nas investigações nietzschianas elementos processuais naturalistas que se opõe à filosofia primeira e procura dar maior relevância a noção de uma filosofia da imanência.

UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O NATURALISMO NIETZSCHIANO

Encontramos nas obras de maturidade de Nietzsche um projeto de naturalização da moral, como expressão do esforço do filósofo em investigar a origem dos valores, desvinculando-os de quaisquer fundamentos transcendentais em diálogo com os resultados das ciências naturais. Neste primeiro momento, investigaremos como pode ser justificada a tese de que existe um programa naturalista no pensamento do filósofo alemão, como expressão de sua crítica aos valores metafísicos, e qual o tipo de naturalismo poderíamos colocar na conta de Nietzsche. A discussão entorno da interpretação de Nietzsche como um pensador naturalista em termos filosóficos se aprofundou recentemente, em especial por comentadores de língua inglesa. Esses autores defendem a ideia de que a agenda filosófica de Nietzsche leva em conta os resultados obtidos pelas ciências naturais e pode ser mais bem compreendida se a considerarmos nestes termos. Essa concepção está apoiada em diversas partes da obra de Nietzsche, a exemplo dos primeiros aforismos de *Humano demasiado humano* ou a seção dedicada *Contribuição à história natural da moral*², onde o filósofo se mune da sofisticação científico-natural para problematizar uma filosofia moral naturalizada. A ideia geral desse naturalismo passa pela grande importância que Nietzsche

² Cf. *Além do bem e do mal* § 186.

atribui aos avanços científico-naturais de sua época e como a sofisticação pode, em termos filosóficos, nos orientar sobre uma adequada compreensão do mundo e de nós mesmos.

Em *Nietzsche on Morality*, Brian Leiter distingue duas doutrinas naturalistas fundamentais. A primeira chamada de naturalismo metodológico *M-naturalismo* é a maneira como se faz filosofia em diálogo contínuo com as investigações empíricas das ciências e seus resultados. A segunda é a *substantiva S-naturalismo* que, em filosofia, significa uma visão *ontológica* expressa na ideia de que as únicas coisas que existem são naturais ou físicas, *fisicalismo*, isto é, uma interpretação da realidade que se opõe ao *sobrenaturalismo* e se recusa recorrer a qualquer agente exterior à natureza como, por exemplo, a ideia de *Deus* enquanto causa explicativa. Segundo Leiter, o naturalismo metodológico busca uma continuidade com os resultados das ciências e repudia toda investigação metafísica que procura explicar problemas filosóficos *a priori*, isto é, desconsiderando qualquer evidência empírica. Para Leiter, filosofias que desconsideram as descobertas da melhor ciência de sua época são, no mínimo, teorias ruins.

O ramo de Continuidade de Resultados do M-Naturalismo requer que teorias filosóficas - por exemplo, teorias de moralidade ou do conhecimento - sejam apoiadas ou justificadas pelos resultados das ciências: teorias filosóficas que não gozam do apoio da nossa melhor ciência são simplesmente teorias ruins. “Métodos de Continuidade”, pelo contrário, exige apenas que as teorias filosóficas imitam os “métodos” de investigação das ciências bem-sucedidas (LEITER, 2002, p. 4).

Essa continuidade pode ser compreendida exclusivamente com a ciência natural (naturalismo *hard*) ou como uma concepção que inclua qualquer ciência bem-sucedida, seja ela natural ou social (naturalismo *soft*). Leiter acrescenta que Nietzsche pode ser compreendido como um naturalista metodológico especulativo assim como Hume, Freud e Marx que construíram teorias da natureza humana inspirados no paradigma científico mais influente de sua época, isto é, se propuseram explicar com bases naturalistas todos os fenômenos humanos incluindo a moralidade. Para Leiter, naturalismo significa que a filosofia sustenta suas teses levando em conta os resultados das ciências empíricas. Isto é, procurar padrões gerais que expliquem os diversos fenômenos particulares.. Segundo Leiter, Nietzsche seria um naturalista metodológico por haver uma continuidade de métodos científicos tanto em sua investigação filosófica quanto em suas conclusões filosóficas.

Em contraposição, Richard Schacht crítica as teses de Brian Leiter em um recente artigo, por entender que o comentador reduziu o pensamento de Nietzsche a um cientificismo sob a bandeira do naturalismo.

Naturalismos que vão mais longe - por privilegiar o pensamento científico-natural, por supor que tudo que diz respeito à realidade humana deve ser explicado e entendido nos termos definidos pelo mesmo tipo de causas deterministas encontradas em teorias e explicações científico-naturais em geral; por considerar tal pensamento não questionável no que concerne ao status de seus tipos de conhecimento, metodologicamente paradigmático, capaz de abarcar tudo em seu escopo e conclusivo em sua autoridade - podem ser chamados “cientificistas”. Do modo como o leio, o tipo de naturalismo de Nietzsche não é, de modo algum, desse gênero. De fato, eu diria que ele não só se abstém claramente de semelhante “cientificismo”, como se coloca em oposição resoluta a ele (SCHACHT, 2011, p. 39).

Na interpretação de Schacht, reduzir o pensamento de Nietzsche a uma visão cientificista da realidade é um equívoco. Primeiramente, porque encontramos na obra do pensador críticas consideráveis em relação ao pensamento científico-natural quando a ciência se propõe a decifrar por completo e encontrar a *verdade* última sobre a realidade. Na interpretação de Schacht, Nietzsche é um pensador naturalista na medida que rejeita toda interpretação de mundo que considera o além, o céu, a transcendência como mais verdadeira do que o mundo que conhecemos através da experiência empírica, ou seja, Nietzsche propõe uma agenda pós-metafísica de pensamento “desdivinizado”. O homem é compreendido com um ser inserido no mundo natural, assim como as diversas formas de vida, só existem processos inteiramente mundanos ligados à nossa animalidade fundamental. Para Schacht, o naturalismo de Nietzsche é:

[...] um tipo de naturalismo que respeita as *Wissenschaften* e se vale delas - incluindo sem sombra de dúvida as ciências da natureza -, mas que não se identifica com elas, não deposita nelas todas as suas esperanças, e nem tampouco extrai delas todas as suas inspirações. (SCHACHT, 2011, p. 39).

Na avaliação de Schacht, Nietzsche se aproxima das *Wissenschaften* (ciências), mas de forma alguma o filósofo submete e subordina a filosofia a um discurso cientificista. Em contraste com a interpretação de Leiter, Schacht considera inclusive que o naturalismo de Nietzsche visa se apresentar como uma alternativa a esse tipo de naturalismo. A posição de Schacht é a de que Nietzsche não deixa de lado a dimensão cultural, seu naturalismo é

sensível as diversas *Lebensformen* (formas de vida) aos variados tipos de experiências, na tentativa de compreendê-las em sua riqueza e diversidade.

Aquelas que ele menciona e discute incluem variados fenômenos sociais, culturais, políticos, religiosos, artísticos, científicos e filosóficos. Todas elas (juntamente com o “tipo *Mensch*” em geral) devem ser ao mesmo tempo “traduzidos de volta na natureza” (SCHACHT, 2011, p. 53).

Seguindo com essa discussão, Christopher Janaway afirma em seu livro *Beyond Selflessness* que a maioria dos comentadores entende a filosofia de Nietzsche como um naturalismo em sentido amplo, na medida que o percurso genealógico procura escapar de todos os anexos transcendentais na compreensão da realidade. Janaway lista algumas características que compõem o naturalismo de Nietzsche.

Ele se opõe à metafísica transcendente, seja a de Platão, a do Cristianismo ou a de Schopenhauer. Ele rejeita as noções de alma, de uma vontade que comanda de modo absolutamente livre ou de um intelecto puro e autotransparente, e em vez disso enfatiza o corpo, a natureza animal dos seres humanos e busca explicar diversos fenômenos recorrendo aos impulsos, instintos e afetos, localizados por ele na nossa existência física e corpórea. Os seres humanos devem ser “traduzidos de volta à natureza”, pois de outra maneira falsificamos a sua história, a sua psicologia e a natureza de seus valores - de modo a abarcar tudo aquilo sobre o que precisamos conhecer verdades, enquanto um meio para realização da tarefa mais importante, a transvaloração dos valores. Este é o naturalismo de Nietzsche em sentido amplo [...] (JANAWAY, 2007, p. 34).

A lista de Janaway busca caracterizar o naturalismo de Nietzsche e se opor a tese de Leiter sobre a continuidade total do pensamento de Nietzsche com os resultados e métodos das ciências empíricas. O ponto de discordância se encontra na ideia de que os métodos de Nietzsche não podem ser desvinculados de seus fenômenos culturais, posição que se aproxima da avaliação de Richard Schacht. Ambos compreendem que o naturalismo de Nietzsche não depende apenas dos resultados das ciências empíricas, posição que consideramos mais adequada ao naturalismo nietzschiano. No caminho desta interpretação, entendemos que o naturalismo de Nietzsche se identifica intimamente com uma noção de processos, cuja tônica geral se encontra no afastamento de todo resquício metafísico e transcendente da realidade. Caracterizando, portanto, um naturalismo deflacionário em oposição a exagerada dependência da filosofia em relação às ciências empíricas e do naturalismo cientificista que encontramos em Leiter.

PROJETO CRÍTICO NIETZSCHIANO DE TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES

Daniel Dennet em seu livro *A perigosa ideia de Darwin* afirma que Nietzsche é um dos precursores da sociobiologia. Em sua análise, qualquer teoria sobre a origem da moral terá que necessariamente integrar cultura e biologia, assim como foi feito pelo filósofo alemão em sua genealogia. Esta afirmação destaca os aspectos naturalistas da filosofia de Nietzsche que se coloca como crítica direcionada ao pensamento metafísico; bem como caracteriza a parte negativa da transvaloração, como momento de sua filosofia que diz *não* aos valores da moral vigente. De fato, Nietzsche rejeita a noção de um “outro” mundo que se pretende mais verdadeiro do que a realidade que experimentamos.

Não há sentido em fabular acerca de um “outro” mundo, a menos que um instinto de calúnia, apequenamento e suspeição da vida seja poderoso em nós: nesse caso, *vingamo-nos* da vida com a fantasmagoria de uma vida “outra”, “melhor” (NIETZSCHE, 2006, p. 29).

Nesse caminho Nietzsche faz questão de diferenciar sua genealogia do que ele nomeia no prólogo de seu livro como hipótese perversa de genealogia, a de “tipo inglês”. O problema da genealogia utilitarista, segundo Nietzsche, é a falta de sentido histórico. Por não fazer uma crítica aos valores da tradição moral vigente, ela se reduziu a um anacronismo que identifica a função atual de uma prática ou de um valor a sua função no passado, incorrendo numa falácia genética. Sobre esse assunto, Dennet assevera:

A contribuição mais importante de Nietzsche à biologia social, penso eu, é a sua constante aplicação de uma das ideias fundamentais do próprio Darwin ao reino da evolução cultural. É a ideia mais notoriamente desprezada pelos darwinistas sociais e por alguns dos sociobiólogos contemporâneos. O erro deles é às vezes chamado de “falácia genética” (DENNET, 1998, p. 488).

Ao criticar e se opor a genealogia inglesa Nietzsche passa a discutir sua filosofia no âmbito da normatividade, isto é, na criação de valores que desemboca no projeto maior de crítica ao *niilismo* e na *transvaloração dos valores*. O projeto de transvaloração toma como ponto de partida a *nova exigência* de reavaliação do valor dos valores anunciada por Nietzsche na seção 6 do prólogo de sua *Genealogia da moral*. O que significa que necessitamos de uma crítica dos valores morais? Por que o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão? Por que é necessário conhecer as condições e

circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram os valores morais? Quando se investiga a origem dos valores e sua fundamentação, constata-se que foram forjados há séculos no âmbito da metafísica e da religião.

Nietzsche se opõe à filosofia primeira e procura dar maior relevância a noção de uma filosofia da imanência por entender que os valores são humanos demasiado humanos, ou seja, os valores não caíram do céu, eles foram criados em um determinado contexto histórico e o quanto de impulsos vitais uma comunidade, um povo, uma cultura detém para a tarefa de criação. Nietzsche passa a relacionar vida com *vontade de potência* pois não é um princípio transcendente, a noção de vida passa a ser o critério de avaliação dos valores, pois é o único critério que não pode ser avaliado e que deve ser levado em consideração ao avaliar se uma moral é sintoma de saúde ou sintoma de decadência de uma cultura.

A vida mesma é, para mim, instinto de crescimento, de duração, de acumulação de forças, de *poder*: onde falta a vontade de poder, há declínio. Meu argumento é que a todos os supremos valores da humanidade *falta* essa vontade – que valores de declínio, valores *niilistas* preponderam sob os nomes mais sagrados (NIETZSCHE, 2007, p. 13, grifos do autor).

Com a ruína dos valores transcendentos Nietzsche constata o *niilismo* que se acomoda na cultura europeia, o sentimento de que “nada tem sentido” a civilização ocidental caminha para a total falta de referências. Com o advento da *morte de Deus* e conseqüentemente com o eclipse da confiança no sobrenatural engendrado pelo pensamento moderno, Nietzsche direciona o olhar para o futuro, para um tipo afirmador da vida. Um tipo que possa romper com a hegemonia da cultura ascética, niilista, a partir da qual a tradição ocidental firmou suas bases com um modelo transcendente de natureza e aversão à vida. Nietzsche encaminha sua crítica para engendrar uma cultura afirmativa da vida natural. O projeto da transvaloração dos valores está intimamente vinculado a um tipo de naturalismo, ou seja, o esforço de crítica e o esforço de criar valores esclarecendo todos os processos da vida incluindo formações culturais e sociais em processos puramente naturais, em continuidade com os resultados das ciências, onde couber, se distanciando de crenças transcendentais. O projeto crítico de Nietzsche expresso na transvaloração dos valores se mune das ciências naturais, do sentido histórico, da psicologia, da fisiologia, da medicina, da etimologia e da antropologia.

CRIAÇÃO DE NOVOS VALORES

A crítica nietzschiana a cosmologia cristã faz parte do projeto de transvaloração de todos os valores, ao propor a substituição da referência dos antigos valores ocidentais. Qual será o novo referencial para a tarefa de criação de novos valores? Nietzsche tentará elaborar uma nova cosmologia baseada na imanência caracterizada pela existência de um só plano e que foge do dualismo platônico-judaico-cristão. A primeira noção de uma cosmologia da imanência de Nietzsche passa pela doutrina da vontade de potência. Esse conceito é apresentado pela primeira vez no *Assim falou Zaratustra* e pode ser interpretado como um processo de domínio e crescimento: a vida consiste em um querer expandir-se constantemente, um impulso, um querer dominar, querer se apropriar do que é alheio, uma luta por expansão que encontramos nos diversos âmbitos da vida, nas espécies, nas sociedades, nos indivíduos e nos microrganismos.

Vale ressaltar que essa vontade não se confunde com a vontade do sujeito consciente cartesiano. Nietzsche não é herdeiro do racionalismo moderno, sua concepção de vontade é herdeira de uma tradição romântica, mais precisamente schopenhaueriana. Nesse primeiro momento, Nietzsche passa a identificar a vontade de potência como sinônimo de vida, tudo que é vivo é caracterizado como vontade de potência. Se tudo quer expandir-se na natureza orgânica, logo, a vida é uma luta, luta que não se reduz a mera sobrevivência e se caracteriza pela expansão de si. Vontade de potência, nesta perspectiva, realiza a sua essência ao subjugar, agredir e conquistar o que é mais fraco. É nesse contexto que a sua crítica à moral cristã, por meio da crítica aos valores morais se apresenta, quando a moral cristã pretende subverter o caráter conflituoso da vida, se caracteriza como a decadência. O filósofo desenvolve essa ideia no aforismo § 259 de *Além do bem e do mal*.

Abster-se de ofensa, violência, exploração mútua, equiparar sua vontade à do outro: num certo sentido toco isso pode tornar-se um bom costume entre indivíduos, quando houver condições para isso (a saber, sua efetiva semelhança em quantidades de força e medidas de valor, e o fato de pertencerem a um corpo). Mas tão logo se quisesse levar adiante esse princípio, tomando-o possivelmente como princípio básico da sociedade, ele prontamente se revelaria como aquilo que é: vontade de negação da vida, princípio de dissolução e decadência. Aqui devemos pensar radicalmente até o fundo, e guardarmo-nos de toda fraqueza sentimental: a

vida mesma é essencialmente apropriação, ofensa, sujeição do que é estranho e mais fraco, opressão, dureza, imposição de formas próprias, incorporação e, no mínimo e mais comedido, exploração [...] (NIETZSCHE, 1992, p. 170-171).

O conceito de vontade de potência a partir de *Além do bem e do mal* não fica restrito ao âmbito orgânico, ele será estendido também ao inorgânico. Segundo Nietzsche, a vontade de potência está presente em todas as coisas, isto é, encontra-se nos átomos, nas moléculas de todos os seres. O filósofo passará a usar o termo *força* como sinônimo de vontade de potência. No âmbito mais ínfimo da vida, no âmbito quântico, atômico, encontraremos luta, conflito, designados por Nietzsche como forças.

A vontade de potência então aparece como força eficiente. Querendo-vir-a-ser-mais forte, a força esbarra em outras que a ela resistem; é inevitável a luta – por mais potência. A cada momento, as forças relacionam-se de modo diferente, dispõem-se de outra maneira; a todo instante, a vontade de potência, vencendo resistências, se autossupera e, nessa superação de si, faz surgir novas formas. Enquanto força eficiente, é pois força plástica, criadora (MARTON, 2016, p. 424).

Tributária da ciência de sua época, a teoria das forças pode ser compreendida como sinônimo de vontade de potência, isto é, na hipótese de Nietzsche, a totalidade do universo é constituída de forças que estão necessariamente em combate, em movimento de expansão e dominação. O cosmo é constituído de conflitos constantes de forças contrárias, do *quantum* de força ao uno-múltiplo. Para Nietzsche não há partícula substancial como o átomo de Leucipo e Demócrito, mas agrupamento de forças. Podemos perceber a influência de Heráclito na filosofia nietzschiana na percepção de uma cosmologia da multiplicidade e que busca, de forma particular, tecer uma crítica a cosmologia metafísica cristã, pensando o universo como multiplicidade de forças, ou seja, como vontade de potência. A doutrina do *eterno retorno* constitui outro ponto importante da cosmologia nietzschiana e que está intimamente relacionado com a crítica e a transvaloração dos valores, esse conceito pode ser interpretado como uma cosmovisão de tempo cíclica que entende o universo como uma repetição infinita das forças que o compõe, dos mesmos estados cósmicos. Essa tese ganha seus primeiros delineamentos em *A gaia Ciência* no aforismo § 341 *o maior dos pesos*:

E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: “Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem — e assim também essa aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente — e você com ela, partícula de poeira!”. — Você não se prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você já experimentou um instante imenso, no qual lhe responderia: “Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina!” (NIETZSCHE, 2001, p. 230).

Seguindo a linha interpretativa ético-existencial do “desafio” do demônio, Nietzsche explicita a absoluta e infinita repetição circular de todas as coisas. Se realmente não houver vida eterna transcendente, como afirma a tradição cristã, mas apenas essa vida terrena com todos os prazeres, mas também com todas as dores, risos e angústias, qual seria o impacto na existência se o eterno retorno fosse uma realidade? Seria recebido com um grande sofrimento ou uma grande alegria? Nietzsche propõe a ideia do eterno retorno como uma alternativa à desvalorização de todos os valores como consequência da *morte de Deus* e a sombra do niilismo que se estabeleceu no ocidente. A afirmação da repetição cíclica de todos os acontecimentos é a mais elevada forma de afirmação da vida que pode ser alcançada.

Para além da linha interpretativa ético-existencial, o pensamento do eterno retorno pode ser interpretado como uma tese cosmológica que toma como inspiração os debates científicos do século XIX, mais precisamente sobre as teorias da física. Nietzsche, como filósofo, evidentemente não participava dos debates científicos de sua época, mas conhecia a discussão, por exemplo, da primeira lei da termodinâmica que concebia o universo como um sistema fechado, onde não há perda nem ganho de energia, somente uma transformação cíclica. Este é um exemplo onde Nietzsche aceita e incorpora em sua filosofia os resultados da ciência mais sofisticada de sua época.

A quantidade da força do universo é limitada, não “infinita”; guardemo-nos de tais desvios de conceito! Em consequência, o número de situações, transformações, combinações e desenvolvimentos dessa força é, certamente, enorme e praticamente “imensurável”, mas, em todo caso, também limitado, não finito. Mas o tempo em que o universo exerce sua força é infinito, isto é, a força é eternamente igual e eternamente ativa: - até

este instante já transcorreu uma infinidade, isto é, é necessário que todos os desenvolvimentos possíveis já tenham estado aí (NIETZSCHE, FP, 11 [202] – Primavera – Outono de 1881, p. 805).

Nietzsche se apropria da discussão entorno da termodinâmica para sua filosofia e defenderá a ideia de um universo fechado e limitado energeticamente, isto é, um universo em que as forças em conflito são finitas e conseqüentemente as combinações das forças também serão finitas. Como no exemplo do dado, imaginemos um dado sendo lançado eternamente, invariavelmente, as seis possibilidades do dado em algum momento terá que se repetir, ora o quatro, ora o dois, ora o um, essas seis possibilidades, na verdade, iriam se repetir eternamente dentro uma concepção de tempo eterno.

Num tempo infinito toda combinação possível seria alcançada uma vez em algum momento, melhor ainda: ela seria alcançada um número infinito de vezes. E assim como entre cada combinação e seu próximo “retorno”, todas as combinações possíveis deveriam passar cada uma destas combinações determinaria toda a seqüência das combinações na mesma ordem também ficaria demonstrada a existência de um ciclo de series exatamente idênticas: o mundo como um ciclo que se repete um número infinito de vezes (NIETZSCHE, FP, 14 [188] – Primavera de 1888, p. 604-605).

Na cosmologia de Nietzsche o universo é pura imanência que se repete ao infinito, cuja característica do tempo é ser eterno e circular, como também, não há uma teleologia para o devir, não há objetivos a serem alcançados visto que tudo se repete. Essa cosmologia toma como objetivo combater e substituir a cosmovisão cristã. De fato, se Nietzsche pretende combater a moral cristã, ele começa seu trabalho de crítica aos pilares que sustentavam essa visão de mundo. Suprimida a cosmovisão cristã, o filósofo propõe um novo referencial para a criação dos valores, o amor incondicional à imanência, o *amor fati*, o dizer sim ao eterno retorno das forças que nos constitui, como crítica ao sentimento de negação do mundo pela afirmação da vida em sua totalidade natural, como exemplificado nesta passagem do *Assim falou Zaratustra*, em *O canto ébrio*:

A dor também é um prazer, a maldição também é uma bênção, a noite também é um sol — ide embora, ou aprendereis: um sábio também é um tolo. Dissestes alguma vez Sim a um só prazer? Oh, meus amigos, então dissestes também Sim a *todo* sofrimento. Todas as coisas são encadeadas, emaranhadas, enamoradas, — e, se um dia quisestes duas vezes o que houve uma vez, se algum dia dissestes ‘tu me agradas, felicidade! Vem, instante!’, então quisestes que *tudo* voltasse! — Tudo de novo, tudo eternamente, tudo

encadeado, emaranhado, enamorado, oh, assim *amais* vós o mundo, — — vós, eternos, o *amais* eternamente e a todo tempo: e também à dor dizeis: Passa, mas retorna! *Pois todo prazer quer — eternidade!* (NIETZSCHE, 2011, p. 307).

O *amor fati* está intimamente vinculado a possibilidade de repetição cíclica de todos os acontecimentos. Esta tarefa significa amar a necessidade de todas as coisas, amar a imanência como também a possibilidade de retorno do próprio *niilismo*. Esta tarefa de afirmação da vida Nietzsche delegou para o *além do homem*, conceito importante dentro de sua filosofia, que podemos definir como o ser humano transvalorado que não mais necessita do consolo metafísico para viver, o *além do homem* como sentido da terra, afirmador da imanência, como o filósofo escreve no prólogo do Zaratustra:

O super-homem é o sentido da terra. Que a vossa vontade diga: o super-homem *seja* o sentido da terra! Eu vos imploro, irmãos, *permaneça fiéis à terra* e não acrediteis nos que vos falam de esperanças supraterras! São envenenadores, saibam eles ou não. São desprezadores da vida, moribundos que a si mesmos envenenaram, e dos quais a terra está cansada: que partam, então! (NIETZSCHE, 2011, p. 14).

A crítica aos valores cristãos, a crítica à metafísica grega-judaica-cristã, realizada por Nietzsche, o conduz à criação de novos valores. Estes novos valores, como dissemos acima, estão ligados à terra e reafirmam o sentido da finitude, do elemento cíclico da vida e do tempo, bem como a necessidade de superar o próprio *niilismo*.

CONCLUSÃO

A filosofia de Nietzsche se configura em termos gerais em uma crítica da realidade, mais precisamente, uma crítica direcionada a cosmologia cristã, assentada sobre uma visão dualista do mundo: a imanência e um *além* antagônico a imanência. Nietzsche se utiliza da crítica como ferramenta transvalorativa em combate a todo tipo de transcendência que nega as instâncias mais íntimas da vida, isto é, o conflito e o devir, em nome de um conforto resignado. Ao fazer a crítica e propor a inversão dos valores ocidentais, Nietzsche pensa uma nova cosmologia baseada na noção de *vontade de potência* e no *eterno retorno* como alternativas para a cosmovisão cristã. Conceitos que são articulados de forma coerente e orgânica com o *amor fati*, conceito que expressa a afirmação incondicional da imanência e do *além do homem* como expressão do ser humano transvalorado. Este novo

homem como expressão da capacidade de afirmar a imanência sem a necessidade do consolo da transcendência.

Em suma, o projeto crítico nietzschiano de transvaloração dos valores não ignora as descobertas científicas do meio intelectual em que filósofo estava inserido. Embora entendamos que Nietzsche não proponha a redução da reflexão filosófica a uma visão cientificista da realidade, compreendemos que a atividade filosófica se enriquece com um olhar diversificado, incluindo um esforço de diálogo com as ciências naturais. Entendemos que esse modo de investigação é próprio de uma filosofia crítica que utiliza de ferramentas genealógicas-naturalistas que procura substituir a problemática da verdade, pela problemática do valor.

REFERÊNCIAS

DENNET, Daniel. A perigosa ideia de Darwin. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

JANAWAY, Christopher. **BEYOND SELFLESSNESS**: Reading Nietzsche's Genealogy. New York: Oxford University Press, 2007.

LEITER, Brian. Nietzsche on morality. Londres: Routledge, 2005.

MARTON, Scarlett (ORG.). Vontade de potência. Dicionário Nietzsche. São Paulo: Loyola, 2016, p. 423-424.

SCHACHT, Richard. O Naturalismo de Nietzsche. Cadernos Nietzsche, v. 29, 2011, p. 35-75.

NIETZSCHE, Friedrich. **ALÉM DO BEM E DO MAL**: prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **GENEALOGIA DA MORAL**: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. A Gaia Ciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. Crepúsculo dos Ídolos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. O anticristo e ditirambos de Dionísio. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. Assim falou Zaratustra. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **FRAGMENTOS PÓSTUMOS**: volumen II (1875-1882). Madri: Tecnos, 2008.

_____. **FRAGMENTOS PÓSTUMOS**: volumen IV (1885-1889). Madri: Tecnos, 2008.

_____. Schopenhauer como educador. São Paulo: Martins Fontes, 2020.